

Quem é o vilão da história

NOV 1989

Ricardo Noblat

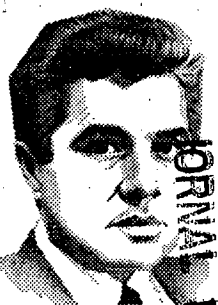
Há que se distinguir entre o direito que tem qualquer cidadão, respeitadas as exigências da lei, de disputar a vaga de Presidente da República e o que faz agora o empresário Silvio Santos quando se lança candidato a uma eleição que ocorrerá daqui a 15 dias. A condição de ex-camelô, de animador de programas de auditório e de dono da segunda rede de televisão do país não desqualifica ninguém que aspire a concorrer a uma eleição.

Até mesmo a uma eleição presidencial — a primeira pelo voto direto depois de 29 anos de abstenção política forçada. O deputado Luiz Inácio Lula da Silva, por exemplo, é um metalúrgico de instrução primária que agride o idioma sempre que é obrigado a formular meia dúzia de frases. Nem por isso lhe poderão ser negadas as credenciais para disputar a Presidência da República. Collor de Mello tem uma rala experiência administrativa.

É produto, antes de tudo, de uma inteligente campanha de marketing político. Porém, como Lula, e como os demais candidatos inscritos para a eleição presidencial de novembro, Collor se oferecerá há mais de seis meses à crítica dos seus adversários e ao exame permanente do eleitor. O que desqualifica Silvio Santos como candidato são as circunstâncias que regem a indicação do nome dele e o golpe eleitoral que a indicação encoberta.

A popularidade de Silvio decorre do sucesso que ele faz como animador de programas de auditório em uma emissora de televisão que ganhou do poder público. Não se conhecem as idéias políticas, econômicas e administrativas do astro de televisão que amaneceu, repentinamente, para a política. É razoável supor que ele não as tenha em excesso. Não haverá tempo hábil para que ele as exponha, se as tiver.

Silvio quer se valer dos mais de 25 anos de promoção dominical na tela da televisão para atrair o voto do país que ele enxerga como a extensão do auditório dele. Não irá perseguir o voto que se elabora no confronto de idéias ou que tem como referência



o que o candidato fez ou deixou de fazer no passado recente ou remoto. Irá à caça, na undécima hora, do voto equivocado, que mira o dono do baú sonhando com a felicidade.

O golpe que a indicação do nome dele encoberta tem a ver com o momento em que a indicação se processa. Se Silvio alimentava, há mais tempo, a ambição legítima de ingressar na política e de disputar algum cargo eletivo, por que não o fez antes? Por que não decidiu concorrer na prévia interna do PFL que apontou o candidato do partido à sucessão presidencial? Era ao PFL que ele estava filiado.

Se ali ele não tinha chances de derrotar as candidaturas de Aureliano Chaves e de Marco Maciel, por que não organizou sua própria legenda, como o fizeram Collor de Mello e tantos outros? Ou por que não se filiou a uma das muitas legendas existentes? O que move Silvio a disputar, só agora, a vaga do presidente José Sarney é o interesse dele de evitar a eleição do candidato apoiado pela TV Globo — Collor de Mello.

É, também, o desejo dele de vir a ser admitido no clube fechado dos donos do poder no país. É, ainda, o oportunismo de quem imagina que a vitória a 15 dias da eleição é possível. O episódio protagonizado pelo dono do Sistema Brasileiro de Televisão e por uma dezena de políticos órfãos de um candidato viável à presidência da República só pôde ocorrer dada às peculiaridades do país em que vivemos.

Dispomos de uma legislação permissiva e casuística por culpa de um Congresso pouco afeito ao trabalho e de um presidente que confunde sabedoria com esperteza. Nossa tradição partidária é rarefeita e truncada. É vasto o abismo que separa os representantes do povo do próprio povo. De resto, o país construído pelas elites que o comandam produziu uma massa de cidadãos que são tudo, menos cidadãos.

Por isso mesmo, estão sujeitos a se encantar com o falso rótulo de quem desfila como "caçador de marajás" ou com o sorriso fácil, e em cores, de quem anima as tardes de domingo. O vilão da história da candidatura de Silvio Santos não é ele, Silvio. Também não é a maioria dos miseráveis que escolherá o próximo presidente. Vilã é a história que tornou tudo isso possível. Vilões são os que a escreveram até agora.